

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Confederação Católica do Trabalho: práticas discursivas e orientação católica para o trabalho em Belo Horizonte (1919-1930)

Deivison Gonçalves Amaral*

Resumo: O objetivo do trabalho é analisar a atuação da Confederação Católica do Trabalho junto aos trabalhadores de Belo Horizonte, entre 1919 e 1930. Foram consideradas: a prática discursiva católica, a luta por direitos e melhores condições de vida e a mediação dos conflitos entre capital e trabalho. A metodologia da análise do discurso é utilizada com o objetivo de perceber o papel das práticas discursivas católicas e a penetração do catolicismo. As fontes nucleares: *O Operário* e os *Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte*. Críticas comumente feitas, que atribuem a esse tipo de ação reformista a responsabilidade por um movimento operário pouco autônomo ou “amarelo” são contrariadas. Tento demonstrar que a estratégia sindical reformista católica buscou atender às demandas urgentes: jornada de oito horas, descanso dominical e habitações.

Palavras-chave: Reformismo - discurso católico - catolicismo e trabalho.

Abstract: This work aims to analyze the performance of the Confederação Católica do Trabalho next to the workers of Belo Horizonte, between 1919 and 1930. They had been considered: the catholic discursive practical, the fight for rights and better conditions of life, and the conflicts mediation between capital and work. The methodology of the analysis of the speech is used with the objective to perceive the paper of the catholic discursive practices and the penetration of the Catholicism. The nuclear sources are: *O Operário* and the *Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte*. I try to demonstrate that the catholic reformist syndical strategy took care of the most urgent demands of the workers: day of eight hours, Sunday rest and habitations.

Key-words: Reformism - catholic speech - Catholicism and work.

A produção historiográfica sobre a história do trabalho e dos trabalhadores de Belo Horizonte, sobretudo no período da Primeira República, é bastante restrita. Essa constatação talvez decorra da crise que a temática enfrenta desde o final dos anos 1980². Não reflete, no entanto, a relevância desses estudos para a produção sobre a história operária no Brasil e nem mesmo a viabilidade definida pela existência, nos próprios arquivos da cidade,

¹* Mestre em Ciências Sociais e graduado em História (PUC Minas). Professor do curso de História da Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha - FEVALE/UEMG, de Diamantina. Dissertação de mestrado com o mesmo título foi desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, com bolsa de estudos concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

² Sobre os recuos da produção historiográfica da história operária e as novas possibilidades para o campo, ver BATALHA (2003).

de variadas fontes que permitem reconstruções e reinterpretações históricas sobre essa temática.

No tocante ao período da Primeira República, estudo a destacar é o de Eliana Dutra, *Caminhos Operários nas Minas Gerais*, de 1988. A autora compara a organização dos trabalhadores de Belo Horizonte e Juiz de Fora, no período de 1917 a 1930. No caso de Belo Horizonte, a autora mostra como o movimento operário caracterizou-se pela ação junto às instituições públicas para alcançar os objetivos de organização dos trabalhadores. Segundo a autora, a Confederação Católica do Trabalho foi responsável por um sindicalismo pouco autônomo na cidade. Dutra ainda classifica o movimento reivindicatório de trabalhadores, em Belo Horizonte, como “dócil e ‘dentro da ordem’”, até mesmo por sua proximidade com o poder público (DUTRA, 1988, p. 172). Apesar da importância do estudo para a produção sobre a história operária de Minas Gerais, a perspectiva adotada nessa pesquisa é crítica a essa caracterização pejorativa que a organização dos trabalhadores de Belo Horizonte recebeu.

A perspectiva adotada nesse estudo é que a Confederação Católica do Trabalho agiu como agente mobilizador da organização dos trabalhadores, em Belo Horizonte, e apontou diretrizes assumidas pela maioria das associações e sindicatos da cidade. A estratégia sindical reformista católica é vista como uma forma legítima de ação dos trabalhadores, que se tornou hegemônica em Belo Horizonte, durante a década de 1920. Nesse sentido, o esforço analítico é feito com o objetivo de avaliar se a estratégia correspondia às demandas dos trabalhadores da cidade. Tenta-se, dessa forma, romper com uma tradição valorativa que caracteriza o reformismo de forma negativa sem considerar as condições históricas que propiciaram sua escolha por um grupo de trabalhadores organizados.

Outro estudo importante é o de Carlos Veriano, *Belo Horizonte: Cidade e Política-1897-1920*, de 2001. O autor traça um paralelo entre a utopia da nova capital e a formação de sua classe operária, entre 1897 e 1920. Relaciona os elementos sócio-políticos que possibilitaram a formação da cidade e de sua classe operária. Demonstra, nesse sentido, a ligação entre a idealização da cidade e a formação do operariado, em maioria, originário dos trabalhadores da construção da capital.

A Confederação Católica do Trabalho foi uma instituição que atuou junto aos trabalhadores de Belo Horizonte, a partir de 1919. Embora classificada como confederação, a entidade era uma associação intersindical, profissionalmente indiferenciada, com atuação direta limitada ao espaço da cidade. Sob a bandeira do catolicismo social, a entidade aglutinou em torno de si a maioria dos sindicatos e associações de trabalhadores da cidade, durante a década de 1920, e apresentou diretrizes para as vivências cotidianas e do mundo do trabalho.

A entidade tinha uma ligação muito forte com a Igreja que, mais que fornecer a ideologia que balizava suas ações, ocupava espaços em sua administração. Pela influência exercida sobre os trabalhadores, a Confederação Católica do Trabalho constituiu elo entre os empregadores, o poder público e a classe trabalhadora da cidade.

A experiência da Confederação Católica do Trabalho, baseada no catolicismo social³, pode ser entendida como um momento embrionário das relações que se estabeleceram entre a Igreja e o Estado na construção de um determinado discurso sobre o trabalho urbano no Brasil. Esse discurso ajudou a fundamentar a política que definiu a classe trabalhadora como ator político e foi fruto de projeto implementado pelo Estado, a partir do pós-1930, especialmente no Estado Novo (1937-1945), e que foi chamado por Gomes (2005) de “trabalhismo”.

Durante a Primeira República, em Minas Gerais, os movimentos católicos tiveram bastante vitalidade. A força do catolicismo mineiro, durante as décadas de 1910 a 1920, cristalizou um “complexo de imagens da ‘Minas católica’ na fala das elites políticas e clericais”, e possibilitou a representação do “mito da Minas Católica” (MATA, 1996, p. 115-119). É importante perceber, nesse sentido, como, em Minas Gerais, o catolicismo foi expressivo e propiciou um discurso sobre a identidade católica do mineiro.

Formação da classe trabalhadora em Belo Horizonte

A formação da classe trabalhadora de Belo Horizonte está diretamente ligada ao processo de invenção da cidade. Belo Horizonte começou a ser construída em 1893 e foi inaugurada em 1897, para substituir Ouro Preto como capital de Minas Gerais. Primeira cidade planejada do Brasil, Belo Horizonte foi inventada com base nos ideais de modernidade e de progresso positivistas característicos do século XIX.⁴

Durante as primeiras décadas do século XX, foram significativos os esforços dos trabalhadores organizados em Belo Horizonte no sentido de reivindicar moradias operárias. A pressão fez com que a prefeitura formalizasse áreas para a criação de moradias para os operários, já nos primeiros anos após a inauguração da cidade. Uma análise dos *Annaes do*

³ O catolicismo social tem como pedra angular a encíclica *Rerum Novarum*, de 1891. Em linhas gerais, o documento defendia o direito à propriedade privada e a necessidade de harmonia entre as classes sociais; apontava a ação católica como uma prática regeneradora dos malefícios do liberalismo moderno; condenava as idéias socialistas e anarquistas.

⁴ O projeto de Aarão Reis, engenheiro responsável pela construção da cidade, reflete a utopia urbana da cidade ideal, caracterizada pela idéia de higienização. Sobre a questão Carlos Veriano afirma que a cidade foi demarcada “em termos da divisão e circulação dos diferentes grupos sociais” e os espaços reservados aos menos favorecidos eram escolhidos numa perspectiva segregatória. (VERIANO, 2001, p.90)

Conselho Deliberativo de Bello Horizonte demonstra a recorrência das reivindicações com esse propósito, que passaram de forma mais sistemática às pautas de discussão a partir de 1917.

A formação do operariado belo-horizontino é, portanto, fruto da mão-de-obra que veio para construir a cidade. À medida que o ritmo das construções diminuiu, os trabalhadores foram absorvidos por outros setores da economia que se desenvolviam na cidade, como a indústria têxtil, metalúrgica, madeireira, cerâmica, alimentos e de serviços, em geral.

Práticas discursivas católicas em Belo Horizonte

A Confederação Católica do Trabalho, visando a incorporar às práticas cotidianas dos trabalhadores de Belo Horizonte seus valores morais e sua orientação para as relações de trabalho, divulgou uma série de enunciados, sobretudo, no semanário *O Operário*. A prática discursiva da entidade estava alinhada com a orientação católica, enunciada na encíclica *Rerum Novarum*. Ao discursar sobre a harmonia entre as classes, contra as idéias socialistas, pela fusão da fé e do trabalho e, ainda, ao fazer os apelos morais baseados na fé católica, a entidade promovia a difusão da proposta da Igreja para o enfrentamento da questão social e, concomitantemente, promovia os princípios cristãos na sociedade.

Todo o discurso proferido pela Confederação Católica do Trabalho, contrário ao socialismo e ao anarquismo, visava a demarcar os campos e as formas opostas de enfrentamento da questão social. De um lado, os católicos e, do outro, socialistas e anarquistas. Não havia espaço para diálogo e qualquer tipo de interlocução entre esses campos. Ao demarcar os campos contrários, o discurso da entidade tentava fortalecer a idéia de que o caminho certo a seguir era o catolicismo. Ao associar à imagem de seus adversários características negativas, os católicos tentavam disseminar um sentimento de repulsão ao pensamento socialista e também a idéia de que o único caminho eficaz no enfrentamento da questão social era o que defendiam⁵.

Sob a orientação do catolicismo social, a Confederação Católica do Trabalho discursava em defesa de uma moral amparada nos preceitos cristãos. Tentava, dessa forma, defender a sociedade da “corrupção dos costumes”⁶ e discursava contra os comportamentos considerados agressivos à moral e à ordem: os filmes exibidos na cidade, os bailes, o comportamento das moças. O discurso moralista, nesse sentido, extrapolava o

⁵ A definição dos campos separados e opostos apresenta-se em consonância com as observações de Foucault sobre os discursos religiosos. Em *A ordem do discurso* Foucault afirma que os discursos doutrinários (como os religiosos) ligam os indivíduos a certas enunciações e lhes proíbem outras, ligando-os identitariamente.

⁶ LIGA PELA MORALIDADE. *O Operário*. Anno 1, n. 2. Bello Horizonte, 10 de jul. 1920, p. 1.

disciplinamento dos trabalhadores nas relações de trabalho e buscava orientar também o comportamento cotidiano.

A Confederação Católica do Trabalho buscava disseminar a fé católica entre os trabalhadores, caracterizando-a como elemento imprescindível às relações de trabalho. Para a entidade, somente as corporações católicas ofereceriam o apoio em todas as dimensões sociais e humanas necessárias à restauração da dignidade do trabalho e da vida. Nesse sentido, as noções de fé e trabalho se fundem e, ao defender melhores condições para os trabalhadores, a entidade trabalhava também na expansão da fé católica.

A luta por direitos

Se por um lado, a Confederação Católica do Trabalho atuou na educação pela fé, fortalecendo o catolicismo como “consciência moral do mundo” (SOUZA, 2002), por outro lado, consciente da situação vivenciada pelos trabalhadores no cotidiano de Belo Horizonte, concentrou-se também no apoio à luta dos operários por benefícios e questões objetivas como a jornada de trabalho, os salários e o direito às moradias também foram tratadas pela entidade.

Dentre as lutas encaminhadas pela Confederação Católica do Trabalho, durante a década de 1920, destacou-se a que buscava garantir a posse dos terrenos e renovar os prazos para as construções das moradias populares. A atuação da entidade processou-se, basicamente, de duas formas: pela assistência jurídica aos trabalhadores e pela criação da *Cooperativa Constructora de Casas Operarias Limitada*. Tais medidas assistencialistas foram consideradas por alguns estudiosos um desvio do sindicato de sua ação peculiar (RODRIGUES, 1968). Essa interpretação, todavia, desconsidera nas alternativas assistencialistas o atendimento às demandas dos trabalhadores em contextos específicos. Nesse sentido, partilho a tese de Alexandre Fortes (1999), que pondera que tal interpretação não considera os anseios dos trabalhadores em contextos particulares, nos quais tal alternativa pode ser eficaz. As campanhas da Confederação Católica do Trabalho em prol da habitação obtiveram êxito e algumas medidas legais foram tomadas pelo poder público de Belo Horizonte para facilitar o acesso dos trabalhadores à moradia.

A entidade encaminhou diversas reivindicações ao poder público e aos empregadores de Belo Horizonte, fez campanhas para garantir aos trabalhadores o respeito à jornada de trabalho de oito horas, o salário justo, o descanso dominical e a conquista de habitações populares. As campanhas eram encaminhadas com respeito aos princípios expostos nos estatutos da entidade e na orientação do catolicismo social, ou seja, baseados nas idéias de que a ação operária não devia excluir a Igreja e nem prescindir da harmonia social.

Temas como a jornada de trabalho de oito horas, o descanso semanal e as habitações populares coincidem com as reivindicações feitas por trabalhadores de outras regiões do Brasil. Belo Horizonte, no entanto, é uma experiência diversa das comumente estudadas justamente pela presença expressiva do catolicismo na organização dos trabalhadores. As vivências dos trabalhadores na capital mineira não são classificáveis no estereótipo que se criou sobre o trabalhador cidadão da Primeira República: imigrante, geralmente italiano, e anarquista. Tal generalização não permite demonstrar a “multiplicidade de experiências e a pluralidade de expressões” dos trabalhadores brasileiros da Primeira República (BATALHA, 2000, p.8).

A forma de ação da Confederação Católica do Trabalho está inserida no que a historiografia do movimento operário denomina de sindicalismo reformista, que foi chamado por muitos autores de “amarelo” ou “dócil”. No entanto, tais denominações carregam uma significação valorativa que nos últimos anos tem gerado um debate fecundo. O termo “amarelo” era usado pelos revolucionários para designar pejorativamente os reformistas. Todavia, tal caracterização pejorativa desvaloriza uma forma de ação que possuiu um número considerável de adeptos e que, a seu modo, conquistou diversas melhorias para os trabalhadores brasileiros, durante a Primeira República. Por muito tempo, a produção acadêmica sobre o assunto sedimentou uma dualidade entre as duas estratégias sindicais, de um lado, os revolucionários, portadores da consciência de classe e representantes do verdadeiro sindicalismo e, do outro lado, os reformistas, que teriam aderido aos valores dominantes.

Aspecto importante está na análise da correspondência entre os anseios dos trabalhadores e a ação reformista. Essa compreensão suscita uma questão sobre a atuação da Confederação Católica do Trabalho: teria a estratégia sindical reformista católica correspondido às aspirações e demandas dos trabalhadores da capital mineira?

Se não é possível apontar uma resposta objetiva, negativa ou positiva, para a questão, podem-se apresentar elementos que elucidam ou apontam caminhos para interpretá-la. No aspecto da mobilização e do encaminhamento dessas campanhas, a Confederação Católica do Trabalho teve papel determinante. O processo de reivindicação sempre transcorria sem o recurso a greves ou qualquer tipo de conduta que pudesse ser considerada agressiva contra a autoridade do Estado. Essa forma de agir acabou por consolidar a Confederação Católica do Trabalho como uma entidade mediadora dos conflitos entre capital e trabalho, em Belo Horizonte. O encaminhamento das campanhas pela jornada de oito horas, pelo descanso

dominical, pelas moradias para trabalhadores, bem como outras reivindicações⁷, gerou resultados que passaram pela aprovação de leis que garantissem aos trabalhadores o gozo de direitos. A Confederação Católica do Trabalho fez campanha para que essas leis fossem aprovadas e mesmo após tais conquistas continuou, a sua maneira, a exercer um papel de fiscalização e denúncia e, dessa forma, tentou garantir a efetividade de tais conquistas para os trabalhadores de Belo Horizonte. Essas considerações sugerem que a ação da entidade, se não era voltada para a transformação da estrutura social capitalista que gerava efeitos perversos e excludentes, buscava de modo efetivo reformar tal sistema e atender às demandas urgentes que propiciariam a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Considerações finais

As interpretações sucintamente desenvolvidas nesse texto nem sempre harmonizam-se com boa parte da literatura sobre as práticas do movimento operário e sindical do período da Primeira República brasileira. As idéias preponderantes sobre o movimento operário tendem a desvalorizar a ação reformista sindical em favor da ação revolucionária.

A proposta aqui desenvolvida é consentânea às idéias que compreendem a consciência de classe como a possível de se processar em determinadas circunstâncias históricas. Nesse sentido, o reformismo é percebido como estratégia sindical que pode ter sido assumida conscientemente pelos trabalhadores, nos idos do início do século XX. (BATALHA, 2000; KIRK, 2004; SAVAGE, 2004; FORTES, 2004)

O alcance do discurso católico, em Belo Horizonte, influenciou uma ação baseada nos princípios do catolicismo, na harmonia entre as classes e a negação das propostas revolucionárias para a resolução da questão social. A afirmação interdiscursiva do catolicismo, ou seja, por meio da contraposição aos discursos antagônicos, e a propagação da moral católica para as relações cotidianas foram as principais estratégias de consolidação do discurso católico utilizadas pela Confederação Católica do Trabalho.

O que tentei demonstrar foi que a estratégia sindical reformista católica, traço distintivo da organização dos trabalhadores em Belo Horizonte, buscou atender às demandas mais urgentes dos trabalhadores. É importante destacar que as campanhas culminaram em conquistas de benefícios e estimulou a organização dos trabalhadores na cidade. A pesquisa realizada reforçou o entendimento de que, embora a forma de ação da confederação passasse

⁷ A Confederação Católica do Trabalho comandou outras campanhas de menor repercussão, mas não menos importantes, referentes a: acidentes de trabalho, direito de associação, abastecimento de água em bairro operário, feiras livres na capital para venda de gêneros de primeira necessidade, entre outras.

sempre por um apelo baseado na moral e fé católicas, sua ação também era a favor do trabalho e da melhoria nas condições de vida dos trabalhadores.

Referências bibliográficas:

BATALHA, Cláudio H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 476p.

BATALHA, Cláudio Henrique Moraes. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 78p

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **Caminhos operários nas Minas Gerais**. São Paulo: Hucitec, 1988. 232p.

FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos AEL**, v. 6, n. 10/11, 1999. p. 173-216.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 79p.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 320p.

KIRK, Neville. Cultura: costume, comercialização e classe. In: BATALHA, Cláudio, SILVA, Fernando T. e FORTES, Alexandre (Orgs.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora Unicamp, 2004. Cap. 2, p.49-72.

MATA, Sérgio da. **A fortaleza do catolicismo**: identidades católicas e política na Belo Horizonte dos anos 60. 1996. 281f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais.

PASSOS, Mauro. **A classe trabalhadora em Minas Gerais e a Igreja Católica**: a ponta de uma memória (1900-1930). São Paulo: Edições Loyola, 1991.

SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho. In: BATALHA, Cláudio, SILVA, Fernando T. e FORTES, Alexandre (Orgs.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora Unicamp, 2004. Cap.1, p. 25-48

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários**: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. 320 p.

VERIANO, Carlos Evangelista. **Belo Horizonte: cidade e política – 1897-1920**. 2001. 237 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas.